

A PERSPECTIVA ANTROPOFÁGICA DOS PROCESSOS CRIATIVOS

Ivan Maia de Mello¹

Resumo: O ensaio apresenta a perspectiva antropofágica como concepção dos processos criativos, que parte de uma apropriação crítica e transformadora das componentes da criação. Considera-se o pensamento de Oswald de Andrade elaborado como filosofia antropofágica e sua reelaboração por Suely Rolnik, em termos de compreensão da produção de subjetividade na criação. É examinada a singularidade dessa perspectiva a partir de múltiplas referências em distintos campos de criação, como a filosofia e as linguagens artísticas da literatura e do teatro. A filosofia antropofágica é apresentada em suas características epistemológicas, éticas e estéticas. As linguagens artísticas são consideradas em seus procedimentos antropofágicos. Finaliza com a discussão do caráter descolonizador do processo criativo antropofágico.

Palavras-chave: antropofagia, criação, apropriação

A criação pensada como processo, considerada em seu devir produtivo, pode ser vista numa perspectiva antropofágica, de apropriação de impulsos criadores, componentes do processo criativo, em termos de uma incorporação dessa multiplicidade constitutiva da criação, resultante de um processo de singularização. As múltiplas componentes do processo criativo que são reunidas, combinadas, agenciadas, para compor uma obra, é a multiplicidade que é incorporada à criação como aspectos constitutivos do acontecimento da obra. Seja na criação artística, filosófica, científica, ou em outro campo da atividade criadora humana, podemos considerar o caráter poético, produtivo, do processo criativo.

A antropofagia pode ser concebida, a partir de Oswald de Andrade, como devir apropriativo da existência humana, um processo de subjetivação próprio e apropriado por meio do qual são incorporadas as componentes da subjetividade selecionadas,

¹ Professor do Instituto de Humanidades Artes e Ciências Milton Santos, Coordenador do Colegiado da UFBA no Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento. Coordenador do Grupo CliPES de Pesquisa e Extensão Universitária. Membro do Corpo docente Permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades da UNILAB. E-mail: filosofenix@gmail.com

visando compor uma obra cuja potência de vida se deseja intensificar, particularmente ao elaborar a própria vida como obra. Em sua versão epistemológica, consideramos como processo de apropriação seletiva de saberes e práticas, transversal à organização disciplinar do conhecimento, assim como à organização cultural das linguagens artísticas, assimilando o que aumenta a potência de vida dos envolvidos no processo. Oswald de Andrade concebeu a Antropofagia como uma visão-de-mundo na qual a vida é compreendida como “devoração”:

A vida na terra produzida pela desagregação do sistema solar, só teria um sentido – a devoração. Mas se bem que eu dê à Antropofagia os foros de uma autêntica *Weltanschauung*, creio que só um espírito reacionário e obtuso poderia tirar partido disso para justificar a devoração pela devoração. (ANDRADE, 1972, p. 28)

Concebendo a “devoração” como sentido da vida terrestre, ele elabora filosoficamente sua visão-de-mundo (*weltanschauung*) antropofágica diferenciando sua concepção das perspectivas niilistas que afirmam toda e qualquer devoração, sem avaliar o que se devora quanto a sua potência de vida. Ao considerar a idéia de “homem cordial” proposta por Sergio Buarque de Holanda como interpretação do brasileiro, Oswald dá-lhe um sentido primitivista, segundo o qual a cordialidade primitiva dos indígenas e africanos que viviam numa cultura matriarcal se conjuga com uma agressividade própria da vida selvagem:

O “Homem cordial” tem no entanto dentro de si a sua própria oposição. “Ele sabe ser cordial como sabe ser feroz” (...) No contraponto agressividade – cordialidade, se define o primitivo em *Weltanschauung* (...) Compreende a vida como devoração e a simboliza no rito antropofágico, que é comunhão. (IDEM, p.143)

Oswald propõe uma transvaloração de valores que pode ser compreendida pela valorização dos aspectos inconscientes da realidade vivida, negados como tabu, e por isso desconhecidos ou ocultados, que são reavaliados como aspectos importantes (totemizados), a serem descobertos, visibilizados, evidenciados, e incorporados na visão de mundo, a partir do conhecimento complexo obtido pela apropriação de saberes enquanto devoração:

A operação metafísica que se liga ao mito antropofágico é a da transformação do tabu em totem. Do valor oposto ao valor favorável.

A vida é devoração pura. Nesse devorar que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemizar o tabu. (IDEM, p.77-78)

A perspectiva epistemológica antropofágica recusa a consciência formada por meio de processos de assujeitamento a saberes que não passaram por um processo de apropriação crítica seletiva, o qual incorpora as perspectivas válidas para produção de um conhecimento próprio e apropriado. Por isso, protesta Oswald no Manifesto Antropófago: “Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida.” (IDEM, p. 14). Do mesmo modo, ele recusa também a dissociação entre o espírito e o corpo, tal como estabelecida pela tradição metafísica. A concepção de um conhecimento produzido a partir de uma condição existencial que inclui o corpo e todos os impulsos presentes neste (e assim participam da produção de conhecimento) é essencial à compreensão do processo de apropriação de saberes e práticas necessários à potencialização da vida, tal como experimentada pelos corpos. A antropofagia se apresenta então como um perspectivismo pelo qual, a partir da condição corporal imanente, se interpreta a experiência vivida. Assim, Oswald afirma: “O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo.” (IDEM, p. 15)

O perspectivismo antropofágico, assim como o perspectivismo pensado por Nietzsche, concebe o instinto antropofágico, que ele chama de “Instinto Caraíba”, como impulso de apropriação seletiva, voltado para o conhecimento da realidade como condição para apropriar-se do que nela se mostra favorável à criação de possibilidades de vida. Gilles Deleuze traduz nos seguintes termos a perspectiva nietzscheana de apropriação interpretativa de um texto: Nietzsche o diz muito claramente: se você quiser saber o que eu quero dizer, encontre a força que dá um sentido, se for preciso um novo sentido ao que eu digo. (DELEUZE, 2006,p. 325)

A antropofagia pode então ser pensada como uma apropriação seletiva que interpreta a realidade a partir do instinto antropofágico de devoração e incorporação dos saberes e práticas que potencializam as forças vitais. E são essas forças que devem ser encontradas para dar sentido na interpretação e avaliação constitutivas do processo antropofágico de apropriação seletiva. O processo de produção e difusão do conhecimento na perspectiva antropofágica tem sua dinâmica de apropriação de saberes

e práticas, na qual ocorre a formulação de hipóteses, cujas suposições se ligam à interpretação da efetividade da vida em sua imanência, à subsistência, ao aumento da potência de vida dos envolvidos nesse processo. Diz Oswald, em seu “estilo telegráfico”: “Morte e vida das hipóteses. (...) Subsistência. Conhecimento. Antropofagia.” (IDEM, p. 15)

Partindo de uma perspectiva primitivista de valorização das matrizes culturais indígenas e africanas, mais próximas da vida selvagem, da natureza e da própria animalidade humana, portanto, da sensibilidade (a percepção sensível dos sentidos) e da imaginação, a epistemologia antropofágica compreende a “devoração” dos saberes que aumentam a potência de vida, contrapondo-se criticamente às perspectivas metafísicas universalistas ocidentais, visando a incorporação descolonizadora do pensamento crítico nas suas vertentes desconstrutivas e criativas mais singularizantes, diz o *Manifesto Antropófago*: “Contra as sublimações antagônicas. Trazidas nas caravelas.” (IDEM, p. 17). O perspectivismo antropofágico segue a interpretação de Nietzsche apresentada na obra que inaugura a genealogia como perspectiva hermenêutica, e nela a “assimilação psíquica” tem o seguinte sentido, diz o filósofo:

Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como crêem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar “assimilação psíquica”), do que todo o multiforme processo da nossa nutrição corporal ou ‘assimilação física’. (NIETZSCHE, 1987, p.57-58).

O esquecimento experimentado como força ativa associada à “digestão” da experiência corresponde a uma incorporação subjetiva, ou “assimilação psíquica”, na qual, analogamente à assimilação física, ocorre um aumento da potência de vida.

Considerado em seu âmbito propriamente cultural, como acontecimento apropriativo que ocorre subjetivamente, pela produção de subjetividade, acontecimento no qual os aspectos de uma alteridade subjetiva são apropriados antropofagicamente e incorporados ao ser próprio, podemos pensá-lo em termos do que Deleuze e Guattari chamaram de agenciamento coletivo, em função da multiplicidade de componentes do processo de subjetivação que são apropriadas, ainda que seja uma experiência

individual. A psicóloga Suely Rolnik apresenta a “operação antropofágica” como produção de subjetividade desse modo:

Ora, isso não evoca diretamente a operação antropofágica? Se a interpretamos a partir dessa perspectiva, o ‘antropo’ deglutido e transmutado nessa operação não corresponderia ao homem concreto, mas ao humano propriamente dito – as figuras vigentes da subjetividade, com seus contornos, suas estruturas, sua psicologia. (ROLNIK, 2000, p. 455)

Este agenciamento coletivo é compreendido metaforicamente a partir da forma dos rituais indígenas, descrita como processo coletivo no qual os indígenas de uma etnia capturavam o guerreiro mais virtuoso de outra e, após algum tempo de convivência, matavam-no e realizavam a ingestão de partes do corpo do guerreiro capturado, acreditando, numa perspectiva mágica, com isso poderem assimilar suas virtudes admiradas como potência de vida. Rolnik resume assim o processo subjetivo antropofágico:

Estendido para o domínio da subjetividade, o princípio antropofágico poderia ser assim descrito: engolir o outro, sobretudo o outro admirado, de forma que partículas do universo desse outro se misturem às que já povoam a subjetividade do antropófago e, na invisível química dessa mistura, se produza uma verdadeira transmutação. (ROLNIK, 2000, p. 452)

A perspectiva epistemológica antropofágica pode então ser compreendida como uma perspectiva hermenêutica na qual a interpretação ocorre como apropriação do que a alteridade tem de mais potente. Nesse sentido, interpretar a alteridade é apropriar-se de suas intensidades vitais para integrá-las à multiplicidade constituinte do próprio. Nisto, ela se diferencia do conhecimento compreendido como experiência de um sujeito em relação a um objeto fenomênico, marcado pela passividade do sujeito diante do objeto. Na perspectiva epistemológica antropofágica, a interpretação avalia o valor dos diferentes aspectos da alteridade genealogicamente, isto é, compreendendo historicamente a emergência de cada aspecto da alteridade avaliado, sua proveniência, como surge e manifesta sua potência de vida. Nesse sentido essa perspectiva antropofágica se aproxima da interpretação que Michel Foucault oferece da genealogia proposta por Nietzsche, quando diz:

Enquanto que a proveniência designa a qualidade de um instinto, seu grau ou seu desfalecimento, e a marca que ele deixa em um corpo, a

emergência designa um lugar de afrontamento; (FOUCAULT, 1979, p. 24)

A qualidade do instinto de apropriação seletiva voltado para devoração de saberes e práticas outras, constituintes de uma alteridade, indica a proveniência da perspectiva epistemológica antropofágica que é concebida a partir do pensamento de Oswald de Andrade, e que emerge como discurso no lugar de afrontamento da crítica descolonizadora da relação entre o saber científico ocidental e outros saberes subalternizados ao longo da história da colonização européia. Essa descolonização, “transformação do tabu em totem”, como expressou Oswald, passa pelo processo descrito por Foucault ao explicar a genealogia de Nietzsche:

O grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las ao inverso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto; de quem, se introduzindo no aparelho complexo, o fizer funcionar de tal modo que os dominadores encontrar-se-ão dominados pelas próprias regras. (IDEM, p. 25)

A antropofagia torna-se assim uma interpretação seletiva que busca extrair forças vitais daquilo que na alteridade vem a ser conhecido e apropriado, assim como é considerado por Rolnik:

O banquete antropofágico é feito de universos variados incorporados na íntegra ou em seus mais saborosos pedaços, misturados à vontade em um mesmo caldeirão, sem qualquer pudor de respeito por hierarquias *a priori*, sem qualquer adesão mistificadora. Mas não é qualquer coisa que entra no cardápio dessa ceia extravagante: é a fórmula ética da antropofagia que se usa para selecionar seus ingredientes, deixando passar só as ideias alienígenas que, absorvidas pela química da alma, possam revigorá-la, trazendo-lhe linguagem para compor a cartografia singular de suas inquietações. (ROLNIK, 2005, p. 95)

A cartografia genealógica antropofágica elabora mapas de sentido a partir de uma perspectiva avaliativa que seleciona o que merece ser apropriado e difundido para aumentar a potência de vida. Isso também foi compreendido pelo filósofo Benedito Nunes, ao apresentar a filosofia antropofágica de Oswald de Andrade como uma perspectiva crítica, poética e teórica, sobre os problemas humanos que revela surpreendente atualidade:

A filosofia antropofágica não é contudo, em que pese as evidências anteriormente coligidas, apenas uma elaboração residual, feita com os destroços da Antropofagia de 1928. Há, principalmente em *A crise da filosofia messiânica*, a par de um trabalho de síntese e de crítica, que entrelaça o poético ao teórico, intuições fulgurantes que nos descerram, através do esboço quase profético de novos conceitos, uma perspectiva atual sobre os problemas de hoje. (NUNES, 1972, p. 51)

A filosofia antropofágica foi repensada por outro filósofo, Silvio Gallo, que retoma a perspectiva antropofágica para considerar a experiência multicultural brasileira em termos da mestiçagem que reconhece, incorpora e assim afirma o outro devorado. Diz Gallo, referindo-se ao *Manifesto Antropófago*:

A tese central desse manifesto poético é simples: a cultura brasileira é a cultura da mistura, da mestiçagem; mas a verdadeira mistura é mistura de corpos: o reconhecimento do outro se faz ao devorá-lo, incorporando-o. Hospitalidade radical, ao receber o estrangeiro em seu próprio corpo. Recusa de aceitação acrítica de tudo o que vem do exterior, mas afirmação do outro por sua incorporação, que possibilita a transformação do mesmo, a criação do novo. Devorar o outro implica, pois, em devir-outro. (GALLO, 2015, p.317)

A afirmação da diferença que se dá por meio do devir-outro como incorporação da alteridade favorece a experiência multicultural como valorização da diversidade e potencializa a criatividade. O conhecimento do outro, do diferente, da diversidade, é levado adiante pela perspectiva epistemológica antropofágica como condição para o exercício da criação em contexto multicultural.

Além de interpretações filosóficas e psicológicas, a perspectiva epistemológica antropofágica também tem sido elaborada no campo dos estudos de Teoria da Literatura e Crítica Literária, nos quais os textos originários de Oswald de Andrade foram inicialmente recebidos e discutidos, assim como nas Artes Cênicas. Nesse contexto, a perspectiva antropofágica foi interpretada em diferentes aspectos por Maria Eugenia Boaventura (que discute o caráter vanguardista da Antropofagia), David George (que discute a poética cênica antropofágica), Carlos Gardin (que discute o caráter antropofágico da dramaturgia de Oswald), Maria Cândida Ferreira de Almeida (que discute amplamente o canibalismo como tema literário, sobretudo na Antropofagia oswaldiana) e Viviana Gelado (que discute a Antropofagia no contexto das poéticas latino-americanas). A Antropofagia surge no contexto do modernismo literário

buscando atuar para além desse âmbito numa transformação cultural da sociedade brasileira, como diz Maria Eugênia Boaventura:

[...] com respeito ao quadro da literatura do Modernismo, a Antropofagia atuou revolucionariamente. Isto é, tentou levar o homem brasileiro a um aperfeiçoamento do seu modo, a uma realização antecipada, para superar os conceitos e preconceitos de sua situação histórica, [...] (BOAVENTURA, 1985, p. 133)

A superação histórica desejada por Oswald como transformação cultural aponta na direção da retomada de perspectivas primitivas oriundas das matrizes indígenas e africanas para elaboração de uma ontologia do devir como devoração que se expressa por meio de uma linguagem simbólica. Entre as preocupações da poética antropofágica de Oswald, David George considera:

(...) superar a dependência cultural em todas as suas manifestações, através da renovação dos paradigmas primitivos da ontologia e da linguagem; conquistar a independência política, libertando a nação do legado do colonialismo. (GEORGE, 1985, p. 17)

Na literatura antropofágica de Oswald de Andrade encontramos a paródia que afirma a diferença sendo a principal arma de luta pela descolonização da cultura, particularmente na dramaturgia, onde, segundo Carlos Gardin:

A paródia, entendida enquanto canto paralelo, texto que se afirma enquanto diferença, discurso que não esconde a voz do outro e nem a oprime, é, em Oswald e seu teatro, o procedimento básico para seu gesto teatral. (GARDIN, 1995, p. 51)

Em um estudo mais amplo da presença do canibalismo como tema recorrente na literatura brasileira, Maria Cândida Ferreira de Almeida distingue tipos de canibalismo tal como já diferenciado antes por Oswald de Andrade, com as noções de alta e baixa antropofagia. Diz ela:

Não é o objeto da devoração que será classificado, mas a própria devoração que se define como ‘alta’ ou ‘baixa’, ou seja, o gesto acabado em si mesmo, de pura violência e destruição do baixo canibalismo; ou o gesto produtor do devir, da diferença, da multiplicidade, da incorporação do alto canibalismo. (ALMEIDA, 2002, p.81)

A alta antropofagia produtora de devires, de saberes, de subjetividade, por meio da apropriação seletiva primitivista que tende à realização do próprio, tem um caráter

heterogeneizante, que se volta para a alteridade (“o importado”) no sentido do devir-outro, sobretudo por meio da linguagem, como considerou Viviana Gelado: “A Antropofagia propõe, simbólica e miticamente, a substituição desse código de leitura importado pelo código de leitura heterogêneo, (...) (GELADO, 2006, p.175).

Isto aponta para uma perspectiva epistemológica antropofágica heterogeneizante na produção e difusão de conhecimento, que potencializa o processo social de difusão do conhecimento por meio da apropriação seletiva de saberes e práticas. Essa apropriação que diversas comunidades podem operar, transformando suas condições de existência, de modo criativo quanto à produção de um estilo de vida singularmente constituído como estilo próprio de estética da existência.

A perspectiva antropofágica dos processos criativos experimenta, portanto, uma multiplicidade de possibilidades para a criação, como acontecimento apropriativo de impulsos, instintos, forças, intensidades, desejos, devires, fluxos de linguagens, como componentes de processos criativos, de invenção, de composição, cujas componentes heterogenéticas, produtoras de diferença, de alteridade, de diversidade, são incorporadas singularmente a partir de um estilo próprio, resultante da boa digestão do que foi devorado no processo criativo.

Em relação à cultura, a perspectiva antropofágica dos processos criativos promove uma descolonização, que rejeita criticamente tudo que não serve para aumentar a potência criativa enraizada nas matrizes culturais originárias indígenas e africanas, constitutivas do próprio processo histórico. Isso significa algo mais do que a mera negação das componentes da subjetividade que provêm da colonização. A compreensão antropofágica é genealógica, no sentido de avaliar criticamente cada aspecto desde sua proveniência, e incorporar o que é avaliado como intensificador da potência de vida, ainda que seja proveniente da colonização, desde que sirva aos próprios processos de criação. E não se sujeita a meramente reproduzir um modelo colonial, mas recria-o antropofagicamente, primeiro mordendo e mastigando bem, para que a componente colonial possa ser desfeita e refeita no processo criativo. E só será incorporado aquilo que foi transformado pelo processo da digestão que é a base da antropofagia. Assim, de tudo que constitui a cultura, nem tudo que vem da colonialidade reproduzida na atualidade deve ser devorado, mas só o que for criticamente assimilado e

transformado para servir ao aumento da potência de vida do processo criativo. Eis o caráter crítico e criativo da perspectiva antropofágica.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. Tornar-se outro: o topos canibal na literatura brasileira. São Paulo: Annablume, 2002.

ANDRADE, Oswald. Obras completas: vol. VI – Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

BOAVENTURA, Maria Eugenia. A vanguarda antropofágica. São Paulo: Ártica, 1985. (ensaios 114)

CAMPOS, Haroldo de. Uma poética da radicalidade. In: ANDRADE, Oswald. Obras completas: Pau-Brasil. São Paulo: Globo, 1998.

DELEUZE, Gilles. Pensamento nômade. In: A ilha deserta e outros textos. Edição preparada por David Lapoujade. São Paulo: Iluminuras, 2006.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 8ª ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

GALLO, Silvio. A filosofia antropofágica e os desafios contemporâneos da educação: em torno das multiplicidades culturais. Itinerários de Filosofia da Educação. Revista do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Nº 13, 2015. Pags. 314 a 325.

GARDIN, Carlos. O teatro antropofágico de Oswald de Andrade: da ação teatral ao teatro de ação. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 1995.

GEORGE, David. Teatro e antropofagia. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Global, 1985.

GELADO, Viviana. Poéticas da transgressão: vanguarda e cultura popular nos anos 20 na América Latina. Rio de Janeiro: 7Letras; São Carlos, SP: EdUFSCar, 2006.

MAGALDI, Sábato. Teatro da ruptura: Oswald de Andrade. São Paulo: Global, 2004.

MELLO, Ivan Maia de. MELLO, I. M. de. Montaigne, Oswald de Andrade e a descolonização antropofágica. Das Questões, [S. l.], v. 11, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/37253>. Acesso em: 2 maio. 2021.

_____. Oswald de Andrade e o instinto lúdico-antropofágico: carnavalização e ócio. In: SILVEIRA, Ronie Alessandro Teles da (org.). O carnaval e a filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

_____. A antropofagia oswaldiana como filosofia trágica. Cadernos Nietzsche, nº 23. São Paulo: Grupo de Estudos Nietzsche, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Brasiliense, 1987.

NUNES, Benedito. Oswald canibal. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. Antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald. Obras completas: vol. VI – Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

ROLNIK, Suely. Subjetividade antropofágica. In: LINS, Daniel (Org.). Razão nômade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. Esquizoanálise e antropofagia. In: ALLIEZ, Eric (Org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

VELOSO, Caetano. Antropofagia. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.